

**DIVISÃO SEXUAL DOS ESPAÇOS
E CONEXÃO DAS REDES DE AMIZADE FEMININA
ENTRE OS ATENIENSES**

*Fábio de Souza Lessa**

Résumé

Dans cet article, nous voudrions étudier la relation entre la connectivité des réseaux d'amitié féminine et la rigidité du discours forgé par la société des Athéniens.

Defendemos a hipótese de que a conectividade das redes de amizade¹ feminina, nas quais as esposas atenienses se encontravam integradas, está diretamente associada à rigidez do discurso ideológico *forjado* pela sociedade ateniense, que pressupunha a segmentação pelo gênero dos espaços de atuação de homens e mulheres. Em pesquisa anterior já havíamos insistentemente salientado que, entre discurso ideológico e práticas sociais, existe um distanciamento² (LESSA, 2001). Reafirmamos esse posicionamento e entendemos a formação das redes sociais³ como uma das possíveis táticas para as esposas *romperem* com esta bipolaridade espacial.

Podemos entender por tática uma ação intencional que se faz presente no lugar do *outro*, no espaço por ele controlado. Ela aproveita *ocasiões* e delas depende para prever saídas (CERTEAU, 1994: 100). Por não ter por lugar senão o do outro, ela deve jogar com o terreno que lhe é imposto, ou melhor, ela se constitui em um "... movimento *dentro do campo de visão do inimigo*, (...) e no espaço por ele controlado" (CERTEAU, 1994: 100 – *grifo do autor*).

Concordamos com Elizabeth Bott que, quanto mais conexa está a rede, maior é o grau de distanciamento entre os papéis do marido e os da esposa (BOTT, 1990: 99). A documentação textual antiga insiste na existência de

* Professor Doutor Adjunto do IFCS/UFRJ. Este artigo, com algumas modificações, é parte de um dos capítulos de minha Tese de Doutorado, defendida em 10 de dezembro de 2001 e orientada pela Prof^a. Dr^a. Neyde Theml.
E-mail: fslessa@uol.com.br

uma demarcação rígida de espaços sociais pelo gênero. Estes textos nos oferecem uma divisão sexual dos espaços de atuação em interno-feminino e externo-masculino⁴ (XENOFONTE. *Econômico*, VII, 22-23) e relegam às mulheres, sempre anônimas, o *status* radical de inferioridade. As mulheres anônimas são confrontadas com os homens que aparecem nomeados, como o personagem Iscômaco, de Xenofonte. Eles estão inseridos em sua singularidade de cidadãos face às mulheres que são representadas, uma vez mais, em uma “multidão de suas semelhantes”, aquela do *gênos gunaikón*. De acordo com Pauline Schmitt Pantel, a esposa anônima de Iscômaco nos coloca no centro da reflexão *em torno de uma antropologia dos sexos* (PANTEL, 1994/95: 300). E esta demarcação espacial rígida, presente em Xenofonte e em outros autores gregos da Antigüidade, propiciaria, de acordo com a nossa interpretação, uma maior conexão interna nas redes sociais informais.

O modelo ideológico de divisão sexual dos espaços em masculino e feminino resulta em um distanciamento entre o casal no convívio cotidiano, gerando, assim entendemos, uma necessidade maior de um direcionamento para as relações externas com amigos, vizinhos, parentes e outros. Compreenderemos por relações externas todas aquelas ações que se estabelecem fora dos limites íntimos entre esposa e marido. Elas podem se concretizar em espaços físicos distintos: tanto na esfera privada – no interior do grupo doméstico – quanto na pública.

Elizabeth Bott conclui que “aquelas famílias que mostravam um alto grau de separação nos papéis relacionais do marido e da mulher tinham uma rede social travada, muito unida: muitos dos seus amigos, vizinhos e parentes se conheciam entre si” (BOTT, 1990: 99). Constatamos na sociedade ateniense do Período Clássico uma rígida separação dos papéis relacionais⁵ entre marido e mulher, e pretendemos verificar como se apresentava a rede social na qual as esposas legítimas dos cidadãos atenienses se integravam. Ao trabalharmos com a participação feminina nas redes sociais informais, estamos também ampliando o campo de ação das esposas atenienses, que deixa de se limitar exclusivamente ao interior do *oikos*, na medida em que poderemos apreender as suas formas de interação com os variados grupos externos à esfera doméstica. As redes sociais informais possuem ainda uma outra característica relevante: a impossibilidade de averiguarmos o conteúdo exato das relações e das atividades correspondentes a todos os membros que as compõem (BOTT, 1990: 89), característica esta bem mais presente no que diz respeito à sociedade ateniense do Período Clássico.

A insistência por parte dos autores gregos no discurso da divisão espacial e social pelo gênero já foi por nós apontada. Platão, nas *Leis*, reforça o confinamento feminino no ambiente interno, ao afirmar que a mulher estava acostumada a viver escondida e no escuro (PLATÃO. *Leis*, VI, 781 c).

O quadro a seguir, construído a partir do *Econômico* atribuído a Pseudo-Aristóteles (I.3, 1344-30ss), é esclarecedor quanto aos atributos e às funções masculinas e femininas:

Atributos e Funções Masculina e Feminina

HOMEM	MULHER
. Mais forte, estando mais para rechazar ataques por sua valentia.	. Mais fraca, de forma a ser mais precavida pelo medo.
. Procurar o de fora da casa – <i>oikos</i> .	. Para guardar o que há dentro dela – <i>tà éndon</i> .
. Está menos dotado para a quietude, mas bem constituído para os trabalhos ativos.	. Está capacitada para uma vida sedentária e falta de força para as tarefas à intempérie.
. Educar os filhos – <i>paideusáí</i> .	. Criar os filhos.
. Procriação dos filhos.	. Procriação dos filhos.

Sue Blundell atenta para as dificuldades de entendermos as razões pelas quais os homens atenienses, e certamente os helenos em geral, mostravam-se tão interessados acerca das mulheres. Ela ressalta que, dentre esses fatores, podem ser incluídos o enorme poder com o qual o sistema democrático investiu no corpo de cidadãos e as novas hierarquias que este poder criou entre os grupos. A autora acrescenta ainda que muitos elementos de sua sociedade e cultura encorajavam os homens atenienses a se verem como civilizados, ativos e autocontrolados, estando esta definição sustentada pela imagem do *outro*, delineado a partir daquilo que os homens não eram. E entre os *outros* apareciam, primeiramente, as mulheres. Estas eram vistas como criaturas selvagens e desenfreadas e, por isso, necessitavam estar sob o controle masculino (BLUNDELL, 1998: 100). E controlar as mulheres poderia ser entendido como mantê-las sob vigilância e proteção no interior do *oikos*.

No sentido de explicitar a bipolaridade espacial presente na documentação textual, Helene Peet Foley nos remete à construção de uma *equação estrutural simples*, através da qual o feminino é associado ao *oikos*, ao espaço privado, e o masculino, à *pólis*, ao espaço público⁶, apesar de não esquecer de mencionar que a preservação do grupo doméstico e de seus valores é idealmente compartilhado por ambos os sexos (FOLEY, 1982: 3). Mas, em Atenas, o fosso entre as esferas de atuação masculina e feminina parecia

extenso, sendo muitas vezes expresso como um contraste entre os domínios público e privado (BLUNDELL, 1998: 72). Anteriormente, Jean-Pierre Vernant já havia atentado para essa divisão sexual dos espaços, ao analisar a relação de oposição estabelecida entre Héstia e Hermes. Ambos os deuses são associados ao ordenamento do solo e à organização do espaço. De acordo com o autor, "... o espaço porém se apresenta ao mesmo tempo como lugar do movimento, o que implica uma possibilidade de transição e de passagem de qualquer ponto a um outro" (VERNANT, 1973: 117). Na interpretação de Vernant, Héstia se mantém associada ao centro do espaço doméstico, ao interior e ao recinto fixo, enquanto, em oposição complementar, Hermes se vincula ao espaço do viajante, à mobilidade, ao exterior e ao contato com o outro (VERNANT, 1973: 117). Vale ressaltar que, para Vernant, o espaço doméstico é aquele fechado e protegido, possuindo uma conotação feminina. Em oposição, teríamos o espaço de fora, exterior e de conotação masculina (VERNANT, 1973: 120). De acordo com Marilyn Goldberg, Vernant argumenta que a oposição Héstia-Hermes era parte de um conjunto de normas sociais que contrastavam os espaços masculino e feminino, reafirmando os aspectos mencionados na documentação textual (GOLDBERG, 1999: 144).

Mas, conforme enfatiza James Redfield, "qualquer dicotomia – entre público e privado, macho e fêmea, cultura e natureza – é acompanhada por uma mediação" (REDFIELD, 1994: 171), ou por táticas objetivando angariar um maior espaço de atuação através, por exemplo, da constituição das redes sociais informais femininas.

Não se quer com isso negar, e nem mesmo se poderia, a associação feminina com o espaço interno. Na própria comédia *Lisístrata*, existem vários exemplos dessa associação: "... pois se ficássemos em casa – *éndon*..." (v. 149), "...de mulheres combatentes lá dentro – *éndon*..." (v. 454), "... sai daí de dentro – *éndothén*,..." (v. 456), "... e, muitas vezes, em casa – *éndon* – estando, ..." (v. 510) e "E as coisas que estão em casa – *éndon* –, as minhas e as tuas, ..." (v. 894). Aristófanes utiliza com frequência o advérbio *éndon* – que significa dentro, interiormente, em casa – para enfatizar essa associação entre o feminino e o interior.

O ordenamento do espaço doméstico também tem sido revisto a partir da análise material do próprio espaço da casa. Teses mais recentes, como a de Lisa Nevett (1999) e anteriormente a de M. Jameson (1990), que focalizam a importância das casas gregas através do olhar sobre a evidência arqueológica (GOLDBERG, 1999: 146), têm posto em xeque trabalhos que,

ao darem primazia aos textos escritos, limitam-se a ler as evidências arqueológicas através do paradigma do gênero, proporcionando espaços diferenciados para homens e mulheres.

Concordamos com Michael Jameson que as estruturas físicas sozinhas não podem oferecer um dado completo de como uma sociedade concebe seu espaço doméstico (JAMESON, 1993: 92); da mesma forma acreditamos que os textos escritos isoladamente também não conseguem nos oferecer esta informação. Logo, devemos buscar uma mediação através da utilização dos indícios fornecidos pela documentação textual e pela arqueológica.

A principal crítica aos trabalhos que examinam a documentação arqueológica, tendo como referencial a confiança nas informações advindas dos textos escritos que indicam a reclusão das mulheres no interior do *oikos*, é a tendência presente nos textos antigos para criar uma visão normativa acerca desta questão, nos induzindo a entender o feminino como uma categoria homogênea. Neste sentido, as mulheres não formariam um grupo indiferenciado. Lisa Nevett reforça, ainda, o fato de que existem grupos da sociedade que não se encontram representados na documentação literária (GOLDBERG, 1999: 146; NEVETT, 1997: 100).

Esta crítica é pertinente ao trabalho de Susan Walker. Esta especialista entende o modelo cultural da divisão do espaço em masculino e feminino – *andrón* e *gunaikón* – como um princípio de organização da casa. Dessa forma, ela parte do reconhecimento da importância da organização física do ambiente doméstico como uma chave para o entendimento das relações sociais, e afirma que o alcance das atividades que os diferentes membros do grupo doméstico executam está intimamente conectado com as facilidades de que eles necessitam, sendo isso importante na organização da casa como um todo (GOLDBERG, 1999: 145; NEVETT, 1999: 26). Walker nos oferece plantas de *oikoi* para demonstrar que o interior do espaço doméstico se encontra dividido em uma área masculina e outra feminina.

Ao observarmos essas plantas, verificamos que a maior parte do espaço físico do *oikos* é feminino (WALKER, 1984: 82 e 87; FANTHAM, 1994: 104; GOLDBERG, 1999: 145). Este aspecto vem reforçar a hipótese da reclusão das esposas e, ao mesmo tempo, a associação entre o feminino e o ambiente interno.

Diferente da análise de Susan Walker, Lisa Nevett defende que na organização do espaço da casa o que se verificava era uma necessidade de

afastar dos membros do grupo doméstico, essencialmente as mulheres, os visitantes; isto é, aqueles que não pertenciam ao espaço exclusivo de convivência familiar. Nota-se que não se buscava uma separação indiscriminada dos membros da família pelas diferenças de sexo (NEVETT, 1999: 155; ANDRADE, 2000: 114). Inclusive, Lisa Nevett sugere "... que a principal forma da casa aqui considerada, a casa com pátio e única entrada, era um produto de pressões sociais que requeriam a separação de mulheres da família com relação a visitantes do sexo masculino, mais do que uma divisão entre homens e mulheres *per se*" (NEVETT, 1999: 173-74).

Em um artigo anterior à publicação de *House and Society in the Ancient Greek World*, Lisa Nevett já havia sinalizado para a possibilidade de se ler a presença de uma área específica masculina da casa, não como uma parte de um equilibrado modelo de oposição entre o masculino e o feminino, mas como uma indicação de algo mais complexo, envolvendo um distanciamento feminino daqueles homens estranhos à família. Dessa forma, ela conclui que a distinção de gênero está associada ao contraste entre família e estranhos ao grupo doméstico (NEVETT, 1997: 109-110).

A arquitetura da casa grega, seguindo a interpretação de M. Jameson, não reproduzia as distinções social e simbólica entre os dois gêneros. Isso não significa negar que os padrões de uso desses espaços não fossem distintos (JAMESON, 1993: 104).

Insistimos na defesa da tese de Lisa Nevett e aproveitamos para reforçar que "...havia um conceito partilhado de *oikos*, envolvendo padrões comuns de relações sociais e modelos de comportamento, incluindo um desejo de regular o contato entre os membros da casa e os visitantes ..." (NEVETT, 1999: 155).

Interessante para a argumentação de nossa hipótese acerca da constituição das redes sociais informais de amizade pelas esposas é observar as colocações de Marilyn Goldberg de que o espaço físico do *oikos* é um lugar de interação, principalmente das mulheres. Esta especialista concebe as casas atenienses como lugares de integração, onde os indivíduos negociavam as normas e o espaço (GOLDBERG, 1999: 143). Dessa maneira, as casas atenienses eram espaços físicos onde as mulheres interagiam mutuamente e também com os homens e com as normas sociais. A casa se constituía em um lugar⁸ de integração social para os diferentes membros da comunidade ateniense.

Analisando o significado da representação da porta em algumas imagens pintadas nas cerâmicas, M. Goldberg afirma que, “significativamente, essa porta não separava mulheres dos homens”. Ela separava, de fato, os membros da família daqueles que não pertenciam à intimidade doméstica (GOLDBERG, 1999: 154 e 158). Mais do que afastar, conforme observamos através do modelo da divisão sexual dos espaços, as segmentações na casa poderiam tornar a organização e a comunicação entre os diferentes membros da família mais eficientes (NEVETT, 1997: 108). Na época clássica, o *oikos* é um espaço relativamente indiferenciado, onde circulavam homens e mulheres, livres e escravos (MACTOUX, 1994/95: 310).

Ana Iriarte argumenta que a associação estabelecida pelos autores gregos antigos entre o espaço privado e o feminino não implicava na reclusão física da mulher no interior do *oikos*. Ela argumenta, por exemplo, que as esposas assistiam às representações teatrais, entravam e saíam livremente de seu *oikos* e recebiam nele suas amigas, mas tem consciência das poucas evidências literárias neste sentido (IRIARTE, 1990: 23). Não sabemos até que ponto as esposas transitavam *livremente*, mas concordamos que elas criavam *táticas* ou *maneiras de fazer* que as permitiam criar espaços de atuação, e dessa forma terem uma prática distanciada do discurso ideológico masculino.

Para nós, nunca houve dúvidas de que o discurso apresentado nos textos antigos, que enfatizava a separação rígida dos espaços sociais em masculino e feminino, foi uma forma encontrada pelos homens atenienses para manter sob controle os grupos femininos. E para *fugir* deste controle, restava às mulheres lançarem mão de *táticas*. A formação das redes sociais informais pode ser entendida como uma das *respostas* femininas ao domínio masculino.

Se, por um lado, a análise das teses mais recentes, que desconstróem a segmentação pelo gênero dos espaços físicos do *oikos*, nos permitiu verificar o quanto o próprio espaço da casa abria possibilidades de interação social feminina, oferecendo possibilidades para a formação das redes, por outro, a rigidez da divisão espacial em masculino e feminino, mesmo que nos planos do discurso e da idealização cultural, gerava um distanciamento entre os esposos e a necessidade da constituição das redes sociais masculinas e femininas que, neste caso, apresentavam uma maior conexão interna. Logo, o ideal da segmentação dos espaços pelo gênero possuía uma relação direta com o grau de conectividade das redes.

Documentação Textual

- [ARISTOTE]. *Economique*. Trad. André Wartelle. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- PLATO. *The Laws*. Trad. R.G. Bury. London: William Heinemann, 2 vols., 1984.
- XENOPHON. *Oeconomicus*. Trad. O.J. Todd. London: Harvard University Press, 1992.

Bibliografia

- ANDRADE, M.M. A “Vida Comum”: Espaço e Cotidiano nas Representações Urbanas da Atenas Clássica. São Paulo: USP, 2000 (Tese de Doutorado).
- AUGÉ, M. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BLUNDELL, S. *Women in Classical Athens*. London: Bristol Classical Press, 1998.
- BOTT, E. *Familia y Red Social*. Trad. R. Gobernado. Madrid: Taurus, 1990.
- CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Trad. E.F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COHEN, D. “Seclusion, Separation, and the Status of Women in Classical Athens”. IN: *Greece and Rome*, vol. XXXVI, nº 1, April 1989.
- FANTHAM, E. & Outros. *Women in Classical World: Image and Text*. New York-Oxford: Oxford University Press, 1994.
- FOLEY, H.P. “The Female Intruder Reconsidered: Women in Aristophanes’ *Lysistrata* and *Ecclesiazusae*”. IN: *Classical Philology*. Vol. 77, nº 1, 1982.
- GINER, J.C. *La Amistad: Perspectiva Antropológica*. Barcelona: Icaria, 1996.
- GOLDBERG, M.Y. “Spatial and Behavioural Negotiation in Classical Athenian City Houses”. IN: ALLISON, P. M. *The Archaeology of Household Activities*. London and New York, 1999.
- IRIARTE, A. *Las Redes del Enigma: voces Femininas en el Pensamiento Griego*. Madrid: Taurus, 1990.
- JAMESON, M.H. “Domestic Space in the Greek City-State”. IN: KENT, S. *Domestic Architecture and the Use of Space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

- LESSA, F.S. *Mulheres de Atenas: Mélissa do Gineceu à Ágora*. Rio de Janeiro: LHIA-IFCS, 2001.
- MACTOUX, M-M. "Autour du Travail au Féminin". IN: *Metis: Revue d'Anthropologie du Monde Grec Ancien*. Paris-Athènes, vol. IX-X, 1994-1995.
- NEVETT, L.C. *House and Society in the Ancient Greek World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- _____. "Separation or Seclusion? Towards an Archaeological Approach to Investigating Women in the Greek Household in the Fifth to Third Centuries BC". IN: PEARSON, M.P. & RICHARDS, C. *Architecture and Order: Approaches to Social Space*. London: Routledge, 1997.
- PANTEL, P.S. "Autour d'une Anthropologie des Sexes: A propos de la femme sans nom d'Ischomaque". IN: *Metis: Revue d'Anthropologie du Monde Grec Ancien*. Paris-Athènes, vol. IX-X, 1994-1995.
- REDFIELD, J. "O Homem e a Vida Doméstica". IN: VERNANT, J.P. (dir.). *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.
- SCHEIDEL, W. "The Most Silent Women of Greece and Rome: Rural Labour and Women's Life in the Ancient World". IN: **Greece & Rome**. Vol. XLII, N° 2, 1995.
- VERNANT, J-P. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. São Paulo: EDUSP, 1973.
- WALKER, S. "Women and Housing in Classical Greece: The Archaeological Evidence". IN: CAMERON, A. & KUHRT, A. *Images of Women in Antiquity*. London and Sidney: Croom Helm, 1984.

Notas

¹ Entendemos por amizade uma relação de reciprocidade na qual as trocas não são necessariamente imediatas, podendo proporcionar um desafogo emocional muito valorizado socialmente, e que não parece encontrar-se dentro do parentesco, do casamento ou da comunidade (GINER, 1996: 29-30 e 42). Vemos que a amizade é algo valorizado como essencial à vida em grupo, tanto pelos especialistas contemporâneos quanto pelos autores antigos.

- ² Neste sentido, David Cohen enfatiza que este modelo da divisão de papéis masculino-feminino na Atenas clássica é um fato comum às sociedades tradicionais do Mediterrâneo, não significando reclusão ou exclusão das mulheres das esferas social, econômica ou pública (COHEN, 1989: 3-6).
- ³ De acordo com Elizabeth Bott, rede social é um grupo no qual cada pessoa está, de alguma maneira, em contato com um número de pessoas, algumas das quais estão diretamente em contato entre si, enquanto outras não (BOTT, 1990: 98).
- ⁴ Como exemplo, citamos Xenofonte: “Já que ambas as tarefas, as do interior e as do exterior da casa, exigem trabalhos e zelo, desde o início, na minha opinião, o deus preparou-lhes a natureza, a da mulher para os trabalhos e cuidados do interior, a do homem para os trabalhos e cuidados do exterior da casa. Preparou o corpo e a alma do homem para que possa suportar melhor o frio, o calor, caminhadas e campanhas bélicas. Impôs-lhe, por isso, os trabalhos fora de casa; à mulher, penso eu, por ter-lhe criado o corpo mais fraco para essas tarefas, disse-me ter dito, impôs as tarefas do interior da casa” (XENOFONTE. *Econômico*, VII, 22-23).
- ⁵ Por papéis conjugais a autora entende as expectativas recíprocas de conduta que são consideradas entre marido e mulher como próprias de seu círculo social (BOTT, 1990: 37).
- ⁶ No que se refere à divisão espacial pelo gênero, ver também: SCHEIDEL, 1995: 205-206.
- ⁷ Algumas outras críticas às interpretações de Susan Walker podem ser encontradas no artigo de Marilyn Goldberg (GOLDBERG, 1999: 145-46).
- ⁸ Para Marc Augé, “lugar é uma construção material e simbólica do espaço por uma sociedade. Lugares dão sentido/memória, possibilitam pensar, observar e dar inteligibilidade às coisas. Possuem três características: identitários, relacionais e históricos...” (AUGÉ, 1994: 51). Já M. de Certeau afirma que “um lugar é a ordem – seja qual for – segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. (...) um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições” (CERTEAU, 1994: 201).